

Contributos da arqueologia para o estudo da economia agrária em época Moderna

Organizadores:

Ricardo Costeira da Silva - Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares, Faculdade de Letras

José António Bettencourt - Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, CHAM – Centro de Humanidades

Moderador: Ricardo Costeira da Silva

La materialidad de un paisaje dinámico: la aportación de la arqueología para la comprensión de las áreas montañosas del norte ibérico (ss.XVI-XXI)

Andrés Menéndez-Blanco (menendezandres@uniovi.es) Universidad de Oviedo / Università di Genova, España

En el norte ibérico la arqueología ha tenido un papel muy discreto en el estudio de los paisajes rurales de montaña en los siglos postmedievales. Sin embargo, es indudable su potencial para afrontar análisis complejos y generar nuevas interpretaciones a través de un diálogo interdisciplinar con otras ciencias. Partiendo de esta premisa, presentamos como ejemplo el estudio en marcha del valle del río Nisón (Asturias), donde podemos ver las transformaciones desde un monte aprovechado por las aldeas inmediatas y familias trashumantes a la consolidación de un poblamiento estable (ss. XVII-XVIII) y el actual proceso de abandono. Para ello se atiende especialmente a los cambios en la gestión de los recursos agro-silvo-pastoriles y en los derechos de acceso a los mismos, así como el papel de los distintos actores y grupos sociales implicados en su disfrute. El enfoque multidisciplinar, con un estrecho diálogo con las ciencias naturales, permite profundizar en la complejidad de estos cambios y los factores que los motivan y, más allá de esto, se presenta también como un medio de aproximación a las causas de grandes retos actuales como la despoblación de la montaña, las dificultades del sector primario o la pérdida de biodiversidad.

Arqueología rural; Prácticas de gestión de los recursos naturales; Áreas de montaña; Metodología; ss.XVI-XXI

Cerâmica do Açúcar de Aveiro no mar de Baiona (Galiza): evidências arqueológicas de uma rota imprevisível

Ricardo Costeira da Silva (rcosteiradasilva@gmail.com) Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras, CEIS20, Portugal; Vicente Caramés Moreira (conservacion.museodomar@xunta.gal) Museo do Mar de Galicia, Espanha; Andrea Serodio (andrea.serodio@gmail.com) Universidad de Vigo, Grupo de Estudos de Arqueoloxia, Antigüidade e Territorio (GEAAT) Espanha

A esmagadora maioria dos estudos sobre a história do açúcar em Portugal e nos seus espaços além-mar tem sido feita com recurso a fontes escritas, mau grado o potencial da arqueologia para a investigação desta temática. Nos últimos anos têm-se identificado alguns centros oleiros portugueses que assumiram um papel relevante no ciclo de produção açucareira, revelando-se como os principais produtores das formas cerâmicas que permitiam a purga do açúcar. Estas

formas foram exportadas massivamente para os locais de produção de açúcar, ante a inexistência, pelo menos nos primeiros tempos, de fabrico oleiro nestes vários espaços.

Às ilhas vulcânicas da Macaronésia ou ao Brasil aportaram estas formas cerâmicas, num fluxo contínuo e de grandes proporções. Todavia, as ligações entre os centros oleiros e os centros açucareiros não estão satisfatoriamente estabelecidas, sendo uma crónica que se encontra por fazer e que deverá nortear a investigação futura.

Pretende-se nesta comunicação apresentar possíveis justificações para o aparecimento (pela primeira vez) de Formas de Açúcar de Aveiro no mar de Baiona na Galiza. Poderá este achado explicar o aparecimento de outros recipientes cerâmicos similares nalguns portos do Norte da Europa, testemunhando a existência de outras rotas, ligações e formas de transporte ou comercialização antes insuspeitas?

Açúcar; Cerâmica do Açúcar; Produção e Refinação do Açúcar

Uma visão arqueológica da economia agrária na propaganda do Estado Novo

Tânia Manuel Casimiro (tmcasimiro@fsh.unl.pt) CFE - HTC - IAP Universidade Nova de Lisboa, Portugal; Susana Pacheco (susanalfsdpacheco@hotmail.com) CFE - HTC Universidade Nova de Lisboa, Portugal; Joel Santos (joelrosantos@gmail.com) University of Leicester, Portugal

Final de tarde. Lá fora está um dia solarengo. O homem, cujo nome nunca saberemos, entra pela porta com a enxada sobre o ombro sacudindo o chapéu contra as pernas. Entra numa sala singela, chão de tijoleira vermelha, igual àquele que os seus antepassados pisaram durante séculos. Lá dentro a sua família espera-o. Junto à lareira, alta e característica das casas portuguesas a mulher, a mãe, a dona de casa segura a panela que faz a sopa, aos seus pé o caldeirão centenário, por cima de si, sobre o lintel da lareira está o prato, a almotolia, a o almofariz, a bilha, o púcaro que representam a continuidade cultural da economia doméstica promovida pelo Estado Novo e que se inspira em estruturas mentais podemos fazer recuar à Idade Moderna ou mesmo a períodos anteriores. Toda a casa reflecte como este modelo de vida, conservador e multitemporal, era continuado. Com base na iconografia propagandista do Estado Novo o propósito deste trabalho é mostrar, utilizando uma metodologia de análise e um enquadramento teórico arqueológicos, como os ambientes domésticos rurais desta época representam continuidade e mudança.

Multitemporalidade; Vida rural

As plantas que viajam no tempo e no espaço – materiais vegetais nos contextos arqueológicos da Lisboa ribeirinha

Mariana Costa Rodrigues (marianabichoccr@gmail.com) Centro de Humanidades (CHAM); Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (BIOPOLIS), Portugal

Nos últimos anos foram feitas várias intervenções arqueológicas na zona ribeirinha de Lisboa, nas quais foram identificados contextos de várias cronologias, com um significativo aumento da atividade antrópica durante a Época Moderna. A compreensão desses sítios é essencial para o conhecimento da vida quotidiana e do comércio na época da Expansão Marítima Portuguesa, não só em Portugal ou em Lisboa, mas a uma escala global.

Em época moderna, a cidade de Lisboa estava no centro de dinâmicas transcontinentais de globalização alimentar que uniam Europa, África, Ásia e América. Neste âmbito, Lisboa recebeu

e distribuiu um amplo leque de produtos de origem biológica, entre os quais inúmeras plantas de interesse económico, com valor alimentar e/ou artesanal. Essas rotas permitiram igualmente acelerar o ritmo e alargar a escala geográfica do que tem sido designado "globalização biológica", no decorrer da qual se introduziram nos espaços controlados pelas potências europeias espécies que tinham grande valor de mercado.

Nestas escavações foram recolhidos vestígios de vários tipos, desde cerâmicas a embarcações e também materiais vegetais. O estudo desses materiais vegetais pode complementar significativamente a interpretação das jazidas, porém, são-lhe inerentes várias questões metodológicas, desde a recolha em campo, à análise laboratorial e aos métodos de acondicionamento dos mesmos.

Arqueologia; Materiais vegetais; Lisboa; Época Moderna